

---

EDUCAÇÃO FÍSICA

---

**Francisco Galvão do Amaral Pinto Barciela**

**O “estudo errado” e a escola conivente:  
A escola como reprodutora das estruturas  
do capitalismo**

FRANCISCO GALVÃO DO AMARAL PINTO BARCIELA

O “ESTUDO ERRADO” E A ESCOLA CONIVENTE:  
A ESCOLA COMO REPRODUTORA DAS ESTRUTURAS DO  
CAPITALISMO

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau  
de licenciado em Educação Física.

Rio Claro  
2015

370 Barciela, Francisco  
B243e O "estudo errado" e a escola conivente : a escola como  
reprodutora das estruturas do capitalismo / Francisco Barciela.  
- Rio Claro, 2015  
62 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação  
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de  
Bióciências de Rio Claro

Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

1. Educação. 2. Capitalismo. 3. Críticos-reprodutivistas. 4.  
Gabriel o Pensador. I. Título.

## Agradeço

Rose, irmãos, pais e avós.

Ao Movimento Estudantil, que foi onde tive as mais ricas experiências e aprendizagens, e sem o qual de nada seriam úteis os anos de graduação,

Aos companheiros de luta da Moradia Estudantil,

Julian, Luiz Paulo e Renan, companheiros de república,

Professores como Rosa Maria, Aragão, Leila, Luizinho, Maria Antonia, extremamente significantes para mim, que não se deixam levar pela mediocridade docente que prevalece na universidade e que agradeço por terem contribuído em minha passagem pela instituição,

Colegas de sala, que colaboraram em diversas discussões e pontos de vista,

Colegas de Super Férias (SESI) e de Madalena,

Monitores e coordenadores de Rep. Lago, foi onde tive a oportunidade de exercer pela primeira vez um papel de protagonismo educacional e lá aprendi a importância de “sempre buscar deixar as coisas melhores do que as encontramos”,

Amigos que fizeram parte dessa etapa que se encerra aqui e que de alguma maneira me acrescentaram e contribuíram em algo.

## **RESUMO**

A escola possui um papel fundamental em nossa estrutura social contemporânea ocidental. Ela interage dialeticamente com nossa sociedade sendo um local reprodutor e alterador de valores, crenças e hábitos em que quase todos frequentam por mais de uma década. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo trazer reflexões sobre a função da escola, a quem ela serve e porque, analisando a música “Estudo Errado” de Gabriel, o Pensador, dialogando com autores que abordam a escola em uma perspectiva crítica, como os críticos-reprodutivistas, Althusser e Bourdieu, mas também com Gramsci, Foucault, entre outros. Os questionamentos sobre a função da escola e seus interesses constantemente são feitos de maneira superficial e se aprofundados poderiam colaborar para uma maior criticidade e transformação do cotidiano e da prática escolar. A pesquisa se desenvolverá em uma abordagem qualitativa e a metodologia utilizada será pesquisa bibliográfica, análise documental, através da análise de conteúdo. Meu intuito com este trabalho é discorrer sobre as forças que direcionam a escola, desconstruir a aparente neutralidade que a escola possui no imaginário popular e trazer a tona que a escola é produto de um conflito social.

**Palavras-chave:** Educação. Capitalismo. Críticos-reprodutivistas. Gabriel, o Pensador.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	6
2.	CAPÍTULO I – ESTADO, EDUCAÇÃO E ESCOLA .....	9
	2.1. Estado .....	9
	2.2. Educação .....	14
	2.3. Escola .....	24
3.	CAPÍTULO II – MÚSICA E RAP .....	39
	3.1. A música e seu papel (dê)seducativo .....	39
	3.2. Rap, o estilo “violentamente pacífico” .....	43
	3.3. Gabriel, o Pensador .....	46
4.	CAPÍTULO III – A MÚSICA E A TEORIA .....	48
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	57
7.	ANEXO – “Estudo errado”, letra completa .....	60

## Introdução

É necessário para todos que farão parte do processo educativo escolar, ter a clareza de que a escola é um dentre tantos outros âmbitos da sociedade com capacidade educativa. Ela não está desvinculada das ruas, da família, das mídias, do Estado, da política constitucionalizada, da luta de classes, etc. Para melhor compreendê-la é necessário que estudemos o seu entorno, suas determinações, as integrações com os demais processos sociais. Sem o conhecimento de tudo que está interligado é impossível conhecer plenamente o objeto. Sem analisar a sociedade e suas determinações, é impossível ter uma análise que não seja superficial e leviana sobre a escola. Sem compreender o todo é impossível agir corretamente sobre as partes. É necessário ter clareza sobre a dialética Sociedade-Escola.

Saviani classifica as visões sobre a escola, como ele mesmo diz a “grosso modo”, de duas maneiras. O primeiro grupo, o grupo das teorias não críticas, considera a sociedade como harmoniosa, e que a escola possibilita corrigir os desvios de conduta praticados por alguns, poucos ou muitos, indivíduos. Um ambiente onde os indivíduos se enquadram, e os que não se enquadram neste fluxo correto, se marginalizam, tornando-se um problema, e que, marginalizados, devem se reintegrar através da escola à sociedade. A escola, para esse grupo, possui a capacidade de homogeneizar a população e promover um corpo social coeso, um organismo sadio. Possui a capacidade de evitar a desunião da sociedade. Essa concepção considera a escola como um ambiente autônomo da sociedade, como se ela apenas direcionasse a sociedade, e não os sofresse nenhum direcionamento. Desconsideram totalmente a dialética sociedade-escola e escola-sociedade. (SAVIANI, 2008, p. 3-4)

O segundo grupo, o grupo das teorias crítico-reprodutivistas, considera a escola como um componente de um sistema maior. Para estes, a sociedade é composta por classes antagônicas, e assim, essencialmente marcada pelos seus interesses antagônicos que se manifestam principalmente nas condições

de produção da vida material. A educação seria completamente dependente da estrutura social, e não considerada como algo vindo de fora, como acredita o primeiro grupo. Consideram a escola mais do que sujeita as determinações sociais, mais do que uma reprodutora de desigualdade, a consideram como uma produtora, acentuando tais desigualdades. A escola é um mecanismo excludente responsável por uma marginalidade cultural e, mais precisamente, escolar. Ao contrário do primeiro grupo, consideram as condições socioeconômicas determinantes no processo de ensino-aprendizagem escolar. (SAVIANI, 2008, p. 4-5)

É partindo dos pressupostos de alguns autores pertencentes ao segundo grupo, dos críticos reprodutivistas, como Pierre Bourdieu e Louis Althusser, e de autores que antecedem os críticos reprodutivistas, como Marx, Lênin e Gramsci, e de mais alguns autores como Foucault, Saviani e Mészáros que buscarei construir uma linha de raciocínio que traga a tona as determinações impostas pelo capitalismo à escola. Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre as forças que direcionam a escola, desconstruir a aparente neutralidade que a escola possui no imaginário popular, trazer a tona que a escola é produto de um conflito social que é estrutural na sociedade capitalista e que a escola é produto e produtora de uma desigualdade social, e por conseqüência, de uma luta de classes.

Inicialmente este trabalho surgiu de outro trabalho, que pode ser considerado um protótipo deste, que analisava a música „estudo errado”<sup>1</sup>, do cantor e compositor Gabriel, o Pensador com o livro „Aparelhos Ideológicos de Estado” de Louis Althusser para a matéria de sociologia da educação. Durante a produção deste primeiro trabalho pude constatar a complexidade do tema e que embora Althusser seja um autor riquíssimo para analisarmos a escola, ele com certeza não esgota todos os processos e fenômenos que explicam os

---

<sup>1</sup> do álbum “Ainda é só o começo” (1995)



porquês da escola ser tal como ela é, surgindo a necessidade de se aprofundar em outros autores, bem como o aprofundamento do livro já citado.

Estruturei o presente trabalho em três capítulos. O primeiro, dividido em três tópicos, parte de uma visão macro de sociedade e que afunila no decorrer do capítulo. Busco mostrar o que é o Estado, como ele surge e porque, em detrimento de quais interesses, assim como a educação, e depois a escola. Neste capítulo, mais teórico e denso, parto do senso comum tentando desconstruir algumas “verdades”. O segundo capítulo também é dividido em três tópicos. No primeiro tópico discorro especificamente sobre música, de maneira geral, sem especificar ritmos. O que é, seu papel na sociedade e sua relação com o capitalismo. No segundo tópico aprofundo no rap falando sobre sua história, seus significados, e a discriminação que é vítima, caracterizando-o, e termino este capítulo discorrendo um pouco sobre a vida de Gabriel, o Pensador. O terceiro e último capítulo é a música “estudo errado” analisada do ponto de vista teórico que foi construído durante todo este trabalho, finalizando-o com as considerações finais.

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa. Os dados coletados são descritivos e o principal instrumento será o pesquisador. Não tivemos o intuito de quantificar o objeto de estudo nem os que nele se relacionam, mas buscar compreender a realidade escolar através da interpretação de processos e acontecimentos. Como instrumentos de coleta de dados, trabalhamos com pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Para análise de dados utilizamos a análise de conteúdo por abranger as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens, quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos se pretende causar por meio delas (BARDIN, apud CAPPELE, 2003, p. 3).

## **Capítulo I – Estado, Educação e Escola**

Neste capítulo, mais teórico e denso, parto do senso comum tentando desmistificar algumas “verdades”. Dividido em três tópicos, partiremos do papel da mídia na construção da consciência dos indivíduos, adentrando na estruturação econômica da sociedade e construção do Estado, até chegarmos especificamente na escola e seus desdobramentos. Entre essas duas extremidades do capítulo serão abordadas questões como as relações de produção material, ideologia, aparelhos ideológicos e repressivos de Estado, entre outros, para visualizarmos de maneira crítica a complexidade do contexto escolar, e podermos adentrar de fato na escola e sua relação dialética com a sociedade.

### **ESTADO**

Um paradigma vem sendo propagado pela mídia tradicional brasileira e tem ganhado corpo no senso comum. Esse paradigma consiste na responsabilização dos problemas sociais aos políticos e governantes. Nas televisões, rádios e jornais, bombardeiam incessantemente os sujeitos responsáveis por gerenciar o Estado brasileiro acusando-os de corrupção e mau gerenciamento e que devido a isso surge a precarização da saúde, baixos salários, crise educacional, entre outros. Analisando atentamente a mídia tradicional, fica claro o interesse desses meios de comunicação em polarizar as necessidades sociais em dois extremos: primeiro os “detentores do poder”, os políticos, os que compõem o Estado, corruptos e mal intencionados que se unem contra o povo; o segundo, a sociedade civil, o povo, que trabalha arduamente pra sustentar o país e pagar impostos que o primeiro extremo –os políticos- irá roubar através de impostos e corrupção. Essa falsa polarização torna-se presente no senso comum devido ao tempo que somos expostos a essa maneira de ver as relações. Entretanto, nos atentando para além das aparências e analisando a fundo a exposição dos fatos pela mídia tradicional é possível ver o porquê e a quem interessa a falsa polarização entre políticos e população.

[...] na representação ideológica que a burguesia faz de si mesma para si mesma e para as classes exploradas, [...] o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas é o aparelho ideológico de Estado político, ou seja, o regime de democracia parlamentar oriundo do sufrágio universal e das lutas partidárias. (ALTHUSSER, 1985, p.77)

Aos olhos inocentes, a mídia tradicional parece ser heterogênea. Podemos ter essa impressão observando a grande quantidade de canais de televisão, de estações de rádio, de sites e jornais que temos disponíveis para nos mediar entre os acontecimentos e a notícia, mas é notável a convergência da maioria desses meios para as mesmas opiniões. Procurando saber quem está por trás de toda a mídia tradicional chegamos a algumas famílias e grupos que detém o controle da maioria dos meios de comunicação de grande alcance do nosso país. São famílias e grupos que possuem fortunas e o monopólio dos meios de comunicação. Os meios de comunicação que esses poucos possuem são utilizados para mediar o fato acontecido para chegar até a população, fazendo valer seus interesses pré-determinados, para que possam manter e aumentar não apenas seu poder político-econômico, mas também o poder político-econômico aos grupos em que são atrelados. Desinformam a população, mistificam e ocultam acontecimentos, manipulando fatos conforme os interesses dessa pequena parcela, numericamente falando, da sociedade civil.

A chamada mídia tem um papel de intermediação que a gente talvez não possa dizer que é inocente, mas não parte dela realmente, [...] é de um pequeno número de agências internacionais da informação, estreitamente ligadas ao mundo da produção material, ao mundo das finanças, e que controla de maneira extremamente eficaz a interpretação do que está se passando no mundo e de uma forma que se torna clara quando a gente pega os jornais e vê a repetição quase que servil das mesmas fotografias, as mesmas manchetes, mesmas idéias, mesmos debates, que indicam que alguma coisa está por trás de tudo isso (Encontro com Milton Santos..., 2006, 36min38s).

Essa classe também é composta por outras frações, como o agronegócio, a construção civil, a indústria farmacêutica, entre outras.

A história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em uma constante oposição;

ora em conflitos declarados, ora em conflitos camuflados [...] (MARX; ENGELS, 2001, p.23)

O conflito estrutural da sociedade, como podemos constatar no parágrafo acima, ocorre entre exploradores e explorados e não entre políticos e sociedade civil, como pretende nos fazer crer a mídia tradicional. A mídia mistifica, pois tem apenas a ganhar com o falso conflito. Desvia o foco da disputa. A luta acontece entre capitalistas e trabalhadores (burguesia e proletariado; latifundiários e camponeses) na sociedade civil composta por classes. Os exploradores, os capitalistas, grandes empresários e proprietários de terra, detêm os meios de produção e se apropriam do trabalho e dos produtos realizados pelos trabalhadores rurais e urbanos, que são os que produzem riquezas, através da sua força de trabalho e recebem um pequeno salário que é utilizado apenas para renovarem sua força de trabalho e poderem produzir mais mercadorias. Essas mercadorias serão posteriormente comercializadas e gerarão lucro aos exploradores, donos dos meios de produção. Quanto maior a produção, maior o lucro da classe dominante, nenhuma melhora significativa<sup>2</sup> para os trabalhadores. “A humanidade se divide em dois grupos, o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem com receio da revolta dos que não comem” (Encontro com Milton Santos..., 2006, 24min52s).

É justamente da luta de classes que surge o Estado. O Estado é formado pelos poderes executivo, judiciário, exército, escolas, polícias, prisões, etc. e é produto da inviável conciliação entre as classes que por possuírem interesses antagônicos, tenderiam a se entre devorarem em uma luta estéril. Surge então, da sociedade civil, um organismo heterogêneo capaz de mediar esse conflito e apaziguar o embate.

---

<sup>2</sup> Significativa, pois apesar de possuírem participação nos lucros e resultados (PLR) da empresa, essa quantia é extremamente inferior ao lucro do patrão.

O Estado não é, pois, de forma alguma, um poder imposto à sociedade de fora para dentro; tampouco é “a realização da idéia moral” ou “a imagem a realidade da razão”, como afirma Hegel. É antes, um produto da sociedade num determinado estágio de desenvolvimento; é a revelação de que essa sociedade se envolveu numa irremediável contradição consigo mesma e que está dividida em antagonismos irreconciliáveis que não consegue exorcizar. No entanto, a fim de que esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos conflitantes não se consumam e não afundem a sociedade numa luta infrutífera, um poder, aparentemente acima da sociedade, tem-se tornado necessário para moderar o conflito e mantê-lo dentro dos limites da “ordem”. Este poder, surgido da sociedade, mas colocado acima dela e cada vez mais se alienando dela, é o Estado... Na medida em que o Estado surgiu da necessidade de conter os antagonismos de classe, mas também apareceu no interior dos conflitos entre elas, torna-se geralmente um Estado em que predomina a classe mais poderosa, a classe econômica dominante, a classe que, por seu intermédio, também se converte na classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida. O Estado antigo era acima de tudo, o Estado dos proprietários de escravos para manter subjugados a estes, como o Estado feudal era o órgão da nobreza para dominar os camponeses e os servos, e o moderno Estado representativo é o instrumento de que serve o capital para explorar o trabalho assalariado. (ENGELS, 1981 apud CARNOY, 1990, p. 69)

O Estado é então uma organização que age como apaziguadora entre as classes sociais, sempre tendendo às classes dominantes.

Para Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma „ordem” que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes. (apud LENIN, 1917, p. 27)

O Estado tem a função de acalmar os ânimos da luta de classes, curvando-se aos interesses da classe dominante. Ele não age como conciliador. Não é possível conciliar classes antagônicas, com interesses antagônicos. Ele é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes, aparecendo onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objetivamente ser conciliados. (LENIN, 1917, p. 27)

O Estado surge das condições materiais da sociedade, de sua base econômica. A base econômica (ou estrutura) são as forças produtivas, as relações de produção, as condições materiais, que farão emergir a superestrutura, que compreende o aparato jurídico, o Estado, as ideologias, a

consciência humana. Todas as relações sociais são sedimentadas e direcionadas em função da base econômica.

As relações jurídicas assim como as formas do Estado não podem ser tomadas por si mesmas nem do chamado desenvolvimento geral da mente humana, mas têm suas raízes nas condições materiais de vida, em sua totalidade, relações estas que Hegel... combinava sob o nome de "sociedade civil". Cheguei também a conclusão de que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política... Na produção social de sua vida, os homens entram em relações determinadas, necessárias, e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas definidas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona, de forma geral, o processo de vida social, político e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina sua forma de ser mas, ao contrário, é sua forma de ser social que determina sua consciência. (MARX; ENGELS, 1983 apud CARNOY, 1990, p.66)

. O Estado é fruto da base econômica e é inerente às formas de dominação promovidas pela classe dominante e suas condições materiais. Retomando a falsa polarização entre políticos e sociedade civil, fica explícita neste ponto uma teoria de origem do Estado que pode explicar concretamente os problemas sociais, possibilitando desmistificar as inverdades propagadas pela mídia burguesa-latifundiária de que os políticos são os inimigos do povo. O Estado está a serviço da manutenção do *status quo*, a serviço de uma minoria dominante. Ele emerge da sociedade civil para controlá-la e disponibilizá-la a serviço do capital. O Estado "é apenas um comitê para gerir os negócios comuns de toda a burguesia." (MARX; ENGELS, 2001, p.27)

Mas como essa lógica social consegue se reproduzir e perpetuar? Como a classe trabalhadora não adquire consciência da exploração e opressão que são submetidos e não se organizam para alterar sua realidade? Tentaremos responder no próximo tópico como a classe dominante se apropria da consciência proletária.

## EDUCAÇÃO

Seria desgastante se ao nascer tivéssemos que inventar novamente a roda para podermos nos locomover em um menor período de tempo, que tivéssemos que descobrir o fogo batendo uma pedra contra a outra para poder cozinhar ou que tivéssemos que reinventar todo um vocabulário próprio para nos comunicar com nossos iguais. Isso não acontece devido a nossa capacidade de reprodução de saberes construídos por nossos antepassados, e também da nossa capacidade de construir novos saberes, e por conta disso a humanidade consegue avanços. A essa reprodução e construção de saberes que é denominado o famoso termo „educação”, podendo também aplicá-lo ao processo de desconstrução de alguns preceitos. Comumente restringimos o termo „educação” ao processo educacional escolar ou a educação familiar, mas a educação vai além desses dois âmbitos. De acordo com Tardif (2002, p. 31) educação é o conjunto dos processos de formação e de aprendizagem elaborados socialmente e destinados a instruir os membros da sociedade com base nos saberes sociais.

Educação é sempre um processo coletivo, nunca singular. Ninguém se educa sozinho. Como diz o educador Tião Rocha, no documentário *Quando sinto que já sei* (2014), a “educação só acontece no plural, porque pra acontecer são necessários no mínimo duas pessoas, o eu e o outro”. O que restaria de um ser humano sem a educação seriam os instintos primitivos. Educação não se resume a lugares ou ocasiões específicas. Seria ingenuidade acreditar no senso comum que diz que “educação vem de casa”. Acreditar que ela vem apenas de casa é negar que a Igreja possui um papel educacional na sociedade, é negar a capacidade educativa que uma aula de capoeira abordando o tema do racismo ou uma aula na escolinha de futebol abordando o doping pode ter. A educação se dá em todos os lugares à todo momento. “A aprendizagem é nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender.” (PARACELSO, 1951 apud MÉSZAROS, 2008, p. 21)

Os processos educacionais podem ser classificados da seguinte maneira: educação formal, educação informal e educação não-formal. A educação formal se dá no ambiente escolar. Nela são trabalhados intencionalmente conhecimentos historicamente construídos e sistematizados, passíveis de revisões e modificações, com a interpelação do professor e dentro de um ambiente regido por leis. A educação informal consiste na construção de saberes não sistematizados, não intencionais e não organizados que ocorrem por toda a vida através da interação com grupos sociais, carregados de valores e culturas herdadas historicamente. Por exemplo, as tradições culturais de um grupo, o hábito de ver televisão com a família, o círculo de amigos, etc. A educação não-formal ocorre de maneira não sistematizada, através da interação com o cotidiano, nos momentos em que interagimos com as pessoas e o mundo que nos cercam, preparando os seres humanos para a civilidade. (GOHN, 2006, p. 28-29)

Dependendo da maneira que são abordados determinados saberes, é possível reproduzir ou contrariar alguns paradigmas. Dentro de uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas e baseada na exploração do homem pelo próprio homem, como vimos anteriormente, os processos educacionais não são neutros e universais, embora procurem se travestir de tal maneira. Tais processos embutem nos sujeitos o *habitus*, que é a forma de pensar, sentir, agir e julgar que a estrutura social pré-determina.

*Habitus* é o produto da interiorização de um arbitrário cultural capaz de se perpetuar após o término da atividade pedagógica e, assim, perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário cultural. (CUNHA, 1979, p.91)

A atividade pedagógica, promovida pela autoridade pedagógica, é exercida por todos os membros já educados, de uma formação social ou de um grupo (HAECHELT, 2008, p.24). Trataremos destes conceitos de modo mais detalhado posteriormente.

Os processos educacionais tradicionais servem aos interesses da camada exploradora e dominante da população. É através da educação que a



classe dominante implanta seus valores na consciência do proletariado, os fazendo acreditar em coisas como “a riqueza é fruto do trabalho”. Sabemos que qualquer trabalhador, um mineiro, um ajudante de pedreiro ou um frentista pode trabalhar até 70 horas por semana que jamais obterá a fortuna que um membro da família Ermírio de Moraes possui. No capitalismo, trabalho gera riqueza para o capitalista e não para o trabalhador, mas tais dogmas estão presentes no senso comum e são tratados como inquestionáveis. Essas mentiras (ou verdades parciais) tendenciosas e descontextualizadas socialmente são reproduzidas através do processo educacional. São elas as ideologias.

Ideologia é uma “representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p85). O termo “ideologia” está presente neste trabalho não no seu sentido popular, criado por Antoine Destruitt de Tracy, referindo-se a qualquer conjunto de idéias, mas no sentido marxiano<sup>3</sup> da palavra, com uma conotação valorativa de negatividade, plenamente vinculada a uma relação de dominação de uma classe por outra através de um conjunto de idéias. Idéias essas que são invertidas e veladas de realidade, naturalizando a dominação sofrida e que tornam universais visões de mundo que beneficiam apenas a classe dominante (IASI, 2011, p.81). Não existe apenas uma ideologia, mas diversas. Existe a ideologia, burguesa, a ideologia religiosa, a ideologia moral, etc., e essas diversas ideologias não são combatidas, contanto que não contraponham aos interesses dominantes. A ideologia é uma expressão das condições materiais dos seres humanos e uma ferramenta que possibilita a manutenção das desiguais apropriações das condições materiais. A ideologia é uma apropriação da consciência dos trabalhadores em detrimento de uma “falsa consciência”, que não os beneficia, muito menos emancipa, os aprisiona.

---

<sup>3</sup> Referente à obra de Marx

As concepções marxiana e marxistas (pré Gramsci) mais estreitas diriam que a base econômica é quem dita como será erguida a superestrutura, concomitantemente, a educação. Gramsci discorre sobre a capacidade da superestrutura em interferir na base econômica, como se a criatura interviesse em seu criador, apesar de concordar que em última instância será a base econômica a determinante. Ele é o primeiro a dar ênfase à superestrutura como consolidação da dominação de classe.

Gramsci toma como objeto de estudo a superestrutura e seu fator ativo e positivo no desenvolvimento histórico, âmbito pouco explorado por Marx (CARNOY, 1990, p. 93-94). Fiori, seu principal biógrafo, diz que

a originalidade de Gramsci, como marxista, fundamenta-se em parte no seu conceito da natureza do domínio burguês (e, de fato, de qualquer ordem estabelecida anterior); em seu argumento de que a força verdadeira do sistema não reside na violência da classe dominante ou poder coercitivo do seu aparelho de Estado, mas na aceitação por parte dos dominados de uma concepção de mundo que pertence aos seus dominadores. A filosofia da classe dominante atravessa todo um tecido de vulgarizações complexas para aparecer como „senso comum“: isto é, a filosofia das massas, que aceitam a moral, os costumes e o comportamento institucionalizado da sociedade em que vivem. Portanto, o problema para Gramsci é compreender como a classe dominante procurou conquistar o consentimento das classes subalternas desse modo; e assim entender como as últimas procederam para derrubar a ordem antiga e produzir uma nova ordem de liberdade universal. (apud CARNOY, 1990, p.93-94)

A grande contribuição de Gramsci para a compreensão da sociedade (e possível mudança) é a visão dialética entre estrutura e superestrutura, que possibilita almejar uma transformação social através da consciência de classe (CARNOY, 1990, p.102). A consciência de classe é uma arma fundamental na luta de classes, sendo mais devastadora à burguesia do que o poderio bélico. Se com armas é possível tirar a burguesia do patamar de classe dominante do Estado, como o episódio da Comuna de Paris, através da consciência de classe essa “queda do pedestal” se fundamenta, concretiza e perpetua.

Se para Gramsci “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”, a recíproca é verdadeira, toda conceituação de educação

é necessariamente estratégia política, sendo a educação decisiva na luta de classes. (FREITAG, 1980, p.34)

Um conceito importante para compreendermos a contribuição à reprodução do *status quo* da educação, é o conceito de „hegemonia” de Gramsci.

Hegemonia é o predomínio ideológico das classes dominantes sobre a classe subalterna na sociedade civil, suas tentativas bem sucedidas em usar a liderança política, moral, e intelectual para impor sua visão de mundo como inteiramente abrangente e universal, e para moldar os interesses e as necessidades de grupos subordinados (CARNOY, 1990, p.95). O conceito pode ser bastante similar com o de „ideologia”, pois intrínseco a ele está também a assimilação de valores não pertencentes à classe proletária, mas representa um processo mais amplo. Hegemonia é a predominância da ideologia na sociedade. De maneira análoga, se no que diz respeito à geopolítica o EUA é um país hegemônico, no campo político inconsciente da sociedade civil a ideologia é hegemônica. Hegemonia é a supremacia da ideologia.

Vale salientar que essa relação não é totalmente estática, ela move-se em constante deslocamento perante as circunstâncias históricas, as exigências e ações reflexivas dos seres humanos (CARNOY, 1990, p.95). Um bom exemplo para essa afirmação é o julgamento que a burguesia faz dos atos de “vandalismo” nas recentes manifestações populares brasileiras, levando-se em consideração que é a mesma classe burguesa que promoveu o episódio denominado „queda da Bastilha” na Revolução Francesa. Quem diria? A burguesia já foi uma classe revolucionária!

É fundamental para a existência humana a produção material das coisas. Em casa possuímos geladeira, fogão, televisão, mesa, etc. É necessário que em algum lugar do mundo alguém faça os produtos, que obviamente necessitam de parafusos, chapas plásticas e metálicas, acabamentos, que para serem fabricados precisam de ferro, cobre, aço, etc.

Para os produtos serem fabricados, é necessário que tenha algumas condições pré-estabelecidas. Se o capitalismo fosse uma árvore, é possível que a reprodução das condições de produção fosse o tronco dessa árvore, o que a sustentaria e a manteria de pé. “Até uma criança sabe que uma formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo em que produz, não sobreviverá nem por um ano” (MARX apud ALTHUSSER, 1985, p. 53). Essa reprodução das capacidades é necessária para que o sistema continue se perpetuando materialmente e ideologicamente. A esse processo paralelo à produção, que proporciona a perpetuação do sistema capitalista (ou de qualquer outro sistema vigente) atribui-se o nome de reprodução das condições de produção. A reprodução das condições de produção ocorre através da reprodução dos meios de produção, das condições materiais de produção, da reprodução da força de trabalho (estas formam as forças produtivas) e da reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1985, p.54-56).

Os meios de produção são a matéria prima, o maquinário, o galpão da fábrica, a terra para o plantio, etc. São as necessidades que se reproduzem no âmbito local da empresa. Mas também são necessárias matérias que extrapolam a localidade, dependendo de outras produções, o que caracteriza as condições materiais de produção. Sem a reprodução destes a produção torna-se inviável.

[...] o Sr. X, capitalista, que produz tecidos de lã em sua fábrica, deve “reproduzir” sua matéria-prima, suas máquinas, etc... Porém quem as produz para a sua produção são outros capitalistas: o Sr. Y, um grande criador de ovelhas da Austrália; o Sr. Z, grande industrial metalúrgico, produtor de máquinas, ferramentas, etc, devem por sua vez, para produzir esses produtos que condicionam a reprodução das condições de produção do Sr. X, reproduzir as condições de sua própria condição, e assim infinitamente, tudo isso numa proporção tal que no mercado nacional (quando não no mercado mundial<sup>4</sup>), a demanda de meios de produção (para a reprodução) possa ser satisfeita pela oferta. (ALTHUSSER, 1985, p.55)

---

<sup>4</sup>Contemporaneamente, devido a globalização, essa relação ocorre majoritariamente em escala mundial.

A força de trabalho é a força vital do trabalhador, que resulta na produção que se tornará mercadoria. A venda da força de trabalho é o único meio de subsistência que o trabalhador possui, tendo em vista que ele não possui meios de produção. A força de trabalho é vendida pelo trabalhador ao patrão, proporcionando a produção de mercadorias e a mais-valia<sup>5</sup>. Para renovar sua força de trabalho, "recarregar as energias", o trabalhador precisa de um meio material, que proporcione que ele volte no dia seguinte à fábrica e prossiga produzindo. A força de trabalho é assegurada dando-se a ela o meio material de se reproduzir, o salário. O trabalhador vende sua força de trabalho ao patrão em troca do salário. É necessária que a força de trabalho esteja disponível constantemente para que a produção seja contínua, é necessário que o trabalhador esteja apto no dia seguinte para que o lucro do patrão não seja interrompido, e é esse processo de continuidade da força de trabalho que é denominado de "reprodução da força de trabalho". O trabalhador precisa ir pra casa, descansar, se alimentar, precisa ter uma cama que proporcione que ele durma bem e ele precisa dar de comer aos seus filhos que futuramente também irão trabalhar numa fábrica (a não ser que sejam exceções). A reprodução da força de trabalho supre a necessidade de sempre se ter a disposição a força de trabalho<sup>6</sup>. (ALTHUSSER, 1985, p.56). Partindo dessa suposição da funcionalidade do salário, é possível compreender o porquê do salário mínimo no contexto brasileiro ser tão abaixo do necessário para se manter um nível digno de qualidade de vida. Ele é o mínimo que o trabalhador precisa para renovar sua força de trabalho, e isso é o que interessa ao modo de produção. Quanto mais o salário ultrapassa o salário mínimo, menor o lucro dos exploradores. A luta pelo aumento do salário mínimo e a diminuição da jornada de trabalho nada mais é do que um "tentáculo" da luta de classes.

---

<sup>5</sup> Não conceituarei o termo, pois não é o objetivo e nem determinante neste trabalho.

<sup>6</sup> A educação física, com a ginástica laboral, também ajuda a promover a reprodução da força de trabalho. Dizendo promover a saúde do trabalhador, não faz nada mais do que visar a produtividade.

Mas para suprir as necessidades do modo de produção não é necessário apenas assegurar as condições materiais da força de trabalho, é necessária que a força de trabalho seja competente e qualificada e reproduzida como tal, conforme a divisão social-técnica do trabalho, e também é necessária que essa força de trabalho atenda às condições de submissão necessárias para se sujeitar à exploração (ALTHUSSER, 1985, p.57). Os capitalistas conseguem reproduzir suas relações de produção apropriando-se da consciência da população, através de aparelhos de Estado. E são nesses pontos, na reprodução das competências, qualificações, submissões e das relações de produção, que os Aparelhos Ideológicos de Estado e os Aparelhos Repressores de Estado possuem crucial importância.

É através dos aparelhos de Estado que os capitalistas (ou qualquer classe dominante em uma sociedade determinada) efetuam as coordenadas e sanam suas necessidades, entre elas, as de reprodução das competências, qualificações, submissões e relações de produção. Os aparelhos de Estado se distinguem em dois tipos: aparelhos ideológicos de Estado (AIE) e aparelho repressivo de Estado.

Os aparelhos ideológicos de Estado, como o próprio nome diz, funcionam através da ideologia, pelo poder de persuasão, inculcação, que possuem. São designadas pelo nome de aparelhos ideológicos de Estado certas realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Os AIE são múltiplos, podendo ser AIE religioso, AIE familiar, AIE sindical, AIE cultural, AIE político, etc. (ALTHUSSER, 1985, p.68), possuem relativa autonomia<sup>7</sup> e são geralmente passíveis de contradições. Os aparelhos repressivos de Estado agem predominantemente através da violência (não necessariamente física, como a administrativa) (ALTHUSSER, 1985, p.67). Se por um lado os AIE possuem uma pluralidade, os aparelhos repressivos de Estado são caracterizados por

---

<sup>7</sup> Relativa autonomia, pois também são parcialmente controladas pelo Estado.

serem homogêneos no que diz respeito a sua especificidade, embora existam particularidades no exército, guarda municipal, polícia federal, etc. (ALTHUSSER, 1985, p.69). Os aparelhos repressivos de Estado são majoritariamente pertencentes ao domínio público, enquanto os AIE são majoritariamente pertencentes à iniciativa privada, como as igrejas, escolas, jornais, partidos, etc.<sup>8</sup> (ALTHUSSER, 1985, p.69). Nos aparelhos repressivos de Estado o que proporciona uma unidade é a organização centralizada, “unificada sob a direção dos representantes das classes no poder, executantes da política da luta de classes das classes no poder”, e nos diferentes AIE, a unidade é garantida, mesmo com contradições, através da ideologia dominante, da classe dominante. Os AIE são suscetíveis de oferecer um campo objetivo às contradições por serem mais autônomos (ALTHUSSER, 1985, p.74), o que não acontece com a mesma facilidade nos aparelhos repressivos de Estado devido à dogmática hierarquização presente nas relações interpessoais militares.

É fundamental salientar que nenhum dos aparelhos de Estado é puramente ideológico ou repressivo. Tanto os AIE quanto os aparelhos repressivos de Estado agem tanto pela ideologia quanto pela repressão, a diferença entre eles é que os AIE agem predominantemente através da ideologia e secundariamente através da repressão, enquanto os aparelhos repressivos de Estado agem predominantemente pela repressão e secundariamente pela ideologia (ALTHUSSER, 1985, p.70).

São os AIE que

garantem, em grande parte, a reprodução das relações de produção, sob o „escudo“ do aparelho repressivo de Estado. É neles que se desenvolve o papel da ideologia dominante, a da classe dominante, que detém o poder do Estado. É por intermédio da ideologia dominante que a „harmonia“ (por vezes tensa) entre o aparelho repressivo de Estado e os aparelhos ideológicos de Estado e

---

<sup>8</sup>Atualmente vem surgindo no Brasil presídios gerenciados por setores privados. Tornando o encarceramento em massa da população algo explicitamente rentável.

entre os diferentes aparelhos ideológicos de Estado é assegurada (ALTHUSSER, 1985, p.74-75).

Quando os AIE são insuficientes e grupos buscam subverter a ordem vigente, entram em ação os aparelhos repressivos de Estado. Por exemplo, em manifestações dos professores da rede pública pelas ruas de São Paulo, em períodos de maior efervescência, é comum que a Polícia Militar reprima violentamente as manifestações. Embora para alguns pareça um equívoco a repressão do Estado, na lógica do capital é coerente. Quando professores da rede pública, movimento dos trabalhadores sem-teto, movimentos contra latifúndios e demais movimentos sociais se manifestam, eles estão se posicionando contra a exploração e opressão que sofrem e contra a falta de condições básicas de trabalho e existência, o que muitas vezes contraria a lógica do capitalismo, da exploração do homem pelo homem, e faz necessária a truculência do braço armado do Estado. Os AIE por agirem através da persuasão possuem um grande mérito, eles fazem com que os sujeitos não se revoltam contra a ordem vigente tão facilmente, e assim, não recebam tiros, bombas e pancadas de cassetete por 24 horas diárias. Eles mascaram as imposições, conquistadas a qualquer custo, das necessidades dos capitalistas.

Todos os aparelhos ideológicos de Estado, quaisquer que sejam, concorrem para o mesmo fim: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas. (ALTHUSSER, 1985, p.78)

Se por um lado os aparelhos repressivos de Estado possuem uma nítida semelhança às formações sociais que precederam o capitalismo, os aparelhos ideológicos de Estado se transfiguraram consideravelmente. “Desde os primeiros Estados antigos conhecidos, o número de aparelhos ideológicos do Estado é menor e sua individualidade diferente” (ALTHUSSER, 1985, p.75). Na Idade Média, a Igreja (aparelho ideológico do Estado religioso) acumulava funções de proporcionar cultura, escola e espetáculos, tais funções hoje distribuídas por diferentes aparelhos ideológicos inexistentes no período já citado. Havia outros aparelhos ideológicos, mas a Igreja era o aparelho ideológico dominante (ALTHUSSER, 1985, p.75-76). Da sociedade pré-revolução francesa para o pós-revolução francesa uma característica se



destaca, a mudança do aparelho ideológico de Estado dominante. No período da revolução francesa, o ataque ao AIE religioso foi fundamental para a transferência do poder de Estado da aristocracia feudal para a burguesia capitalista-comercial. Para a classe em ascensão assegurar o poder de Estado fez-se necessário “a criação de novos aparelhos ideológicos de Estado para substituir o aparelho ideológico de Estado religioso em seu papel dominante” (ALTHUSSER, 1985, p.76). O aparelho ideológico de Estado que substituiu o AIE religioso, tornando-se o aparelho ideológico dominante, foi o AIE escolar. (ALTHUSSER, 1985, p.77)

No tópico a seguir veremos especificamente como a escola interage com as determinações impostas pelo capitalismo em suas minuciosidades e de forma camuflada. Veremos seu papel de protagonismo na construção das relações de poder entre as classes e da apropriação da consciência de uma classe por outra.

## **ESCOLA**

A classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante. A classe que tem os meios da produção material a seu dispor, tem o controle simultâneo sobre os meios de produção mental, de tal modo que, por isso, genericamente falando, as idéias daqueles a quem faltam os meios de produção mental estão sujeitos a ela (MARX; ENGELS, 1978 apud CARNOY, 1990, p.94- 95)

Na sociedade contemporânea a escola possui um papel de aparelho ideológico de Estado dominante, ou seja, ela é protagonista no processo de reprodução, perpetuação e alteração da estrutura social. Ela possui um papel fundamental em nossa estrutura social contemporânea ocidental, interagindo dialeticamente com a sociedade, reproduzindo e alterando valores, crenças e hábitos. As crianças de todas as classes sociais e por muitos anos de suas vidas, em um período onde são mais “vulneráveis” - como uma esponja, sugam todas as informações que os ambientes lhe propiciam-, freqüentam a escola e são sujeitas aos saberes contidos na ideologia dominante (ALTHUSSER, 1985, p.79).

Cada grupo deverá dispor da ideologia que mais convém ao papel que ele exercerá na sociedade, como por exemplo, os explorados, que devem possuir uma docilidade, uma consciência profissional, moral, cívica, nacionalismo e serem altamente despolitizados; os agentes exploradores, que devem saber comandar e dirigir-se aos operários; os agentes da repressão, que devem saber comandar, ser obedecidos sem discussões (ALTHUSSER, 1985, p.79). Essas características são aprendidas também nas famílias, igrejas, exército, filmes e etc.

porém, nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita), 5 a 6 dias num total de 7,[...] da totalidade das crianças da formação social capitalista. (ALTHUSSER, 1985, p.80)

É nesse ambiente que a maioria<sup>9</sup> das crianças acentua o seu processo de socialização, de interação para com o outro, e são sujeitas à ação pedagógica escolar.

A ação pedagógica é a imposição de uma cultura arbitrária de um grupo ou classe a outros grupo ou classes, por meio de um poder arbitrário, porém reconhecido como legítimo, através de trabalhos pedagógicos, por uma autoridade pedagógica. No contexto escolar, essa autoridade pedagógica é o professor<sup>10</sup>, que possui a capacidade de aplicar sanções aos alunos (CUNHA, 1979, p.86). O trabalho pedagógico é um “trabalho de inculcação que deve perdurar por um longo tempo, a fim de produzir uma formação durável e profunda” que resultará no *habitus* (HAECHELT, 2008, p.24). *Habitus* é a forma de pensar, sentir, agir e julgar que a estrutura social pré-determina.

---

<sup>9</sup>A evasão escolar brasileira atingiu no ano de 2012 a taxa de 24,3%. Fonte: MEC <http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/mec-cria-grupo-para-examinar-causa-de-evasao-escolar>

<sup>10</sup>No catecismo o padre; na família os pais.

Quanto mais acabado (completo) for o trabalho pedagógico da ação pedagógica dominante, mais ele consegue impor o desconhecimento da dupla arbitrariedade da cultura dominante aos destinatários dos grupos ou classes dominantes e dominados. Quando esse acabamento se dá, a cultura dominante é definida como cultura autêntica, universal. Esse reconhecimento é conseguido dos grupos ou classes dominados através da imposição, pelo trabalho pedagógico da ação pedagógica dominante, das disciplinas e censuras que atendem aos interesses materiais e simbólicos dos grupos ou classes dominantes. Elas serão mais fortes se assumirem a forma de autodisciplina e autocensuras. Com isso, operando pela imposição e pela exclusão, o trabalho pedagógico da ação pedagógica dominante obtém dos membros dos grupos ou classes dominados, além do reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, o reconhecimento da ilegitimidade da cultura desses grupos ou classes. (CUNHA, 1979, p.95-96)

Exemplificando a citação acima, aprendemos desde cedo que pichação é crime, que é depredação, e dificilmente questionamos o porquê julgamos ser um ato indevido. A pichação é um meio de comunicação de um segmento da sociedade, um meio de comunicação não convencional onde esse segmento se expressa através de escritas e pinturas em paredes, burlando a moral vigente, o que acaba sendo ofensivo à classe dominante, que criminaliza essa cultura não erudita. Poderíamos questionar a definição de arte e o que a caracteriza como tal, mas antes de refletirmos, acabamos reproduzindo o julgamento de valor da camada opressora. Tais valores são agregados durante toda a vida, não só pela classe exploradora como também pela classe explorada. Os oprimidos muitas vezes ecoam as vozes dos opressores. Existem negros racistas, mulheres machistas, pobres elitistas e homossexuais homofóbicos. Essa maneira de aderir a valores e reproduzi-los cotidianamente é o *habitus*, que começa a ser embutido em nós assim que nascemos.

É denominada “violência simbólica” o processo de imposição dissimulada de um arbitrário cultural, com uma capacidade de se apresentar como não arbitrária e não vinculada a nenhuma classe (BOURDIEU, 1970 apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 73), dissimulando as relações de força que as subjazem (HAECHELT, 2008, p.24).

A ação pedagógica possui uma dupla arbitrariedade. Essa dupla arbitrariedade consiste na imposição/inculcação do conteúdo abordado e também na seleção/exclusão de conteúdos que são julgados próprios ou

impróprios aos alunos, em detrimento de interesses da cultura dominante, pelas classes dominantes.

A ação pedagógica implica uma dupla arbitrariedade: a da imposição/inculcação do seu conteúdo e a da própria seleção/exclusão do conteúdo. Ambos os mecanismos estão articulados, de modo que a arbitrariedade de imposição/inculcação é tanto mais quanto for a arbitrariedade de seleção/exclusão. (CUNHA, 1979, p.87)

A arbitrariedade da cultura dominante, da classe dominante, propagada pela escola apenas tem sucesso por ser apresentada como cultura neutra, se travestindo, proporcionando a legitimidade que ela necessita para inculcar tantos aos dominados como aos dominantes, em seus respectivos guetos escolares. Os dominantes que não se reconhecem em sua opressão, e os dominados que não se reconhecem enquanto oprimidos.

Os filhos das camadas dominantes por receberem sua herança cultural desde muito cedo e de maneira despercebida teriam dificuldade para se reconhecerem como “herdeiros”, acabando por considerar suas características naturais e inatas, assim como os filhos das classes dominadas são incapazes de perceber o arbitrário cultural escolar que lhe são impostos, o que resulta na atribuição de suas dificuldades a possíveis faltas de inteligência ou vontade (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p75). Ocorre uma naturalização dos processos construídos pelos seres humanos, como se os problemas não fossem produto de nossas ações. É a velha história de se pensar que o leite nasce na caixinha de tetra pak já embalado. A escola não tem o costume e nem o interesse em revelar o que está por detrás de suas ações. Quando a escola impõe a cultura dominante como cultura legítima, ela deslegitima outras culturas. Sujeitos oriundos das culturas tratadas como não-legítimas possuem maior dificuldade no processo de assimilação de conhecimentos, por não terem prévio conhecimento deste “universo”. O capital cultural dos alunos é determinante no sucesso da ação pedagógica dominante.

O capital cultural é definido como o valor (econômico ou simbólico) assumido pelo produto da primeira ação pedagógica, a familiar, no mercado de

bens econômicos ou simbólicos, em uma formação social determinada (CUNHA, 1979, p.88). É como se em uma corrida, os alunos oriundos da cultura não-legítima largassem em desvantagem dos demais competidores. Essa desvantagem, causada unicamente pelo determinismo da estrutura escolar, acaba sendo muitas vezes transferidas ao aluno, como sendo unicamente responsável pelo seu “fracasso”.

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos, e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998 apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.73)

A comunicação pedagógica realizada na escola será mais produtiva na medida em que houver “o domínio prévio de um conjunto de habilidades e referências culturais e lingüísticas que apenas os membros das classes mais cultivadas possuiriam” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.74). A proximidade da cultura escolar e familiar é o principal fator para o sucesso no rendimento escolar do aluno.

Os professores transmitiriam sua mensagem igualmente a todos os alunos como se todos tivessem os mesmos instrumentos de decodificação. Esses instrumentos, no entanto, seriam possuídos apenas por aqueles que têm a cultura escolar como cultura familiar, e que já são, por isso mesmo, iniciados nos conteúdos e na linguagem utilizada no mundo escolar. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.74)

Tais diferenças entre alunos de diferentes classes sociais tornam-se menos explícitas nos anos finais da escola, pois os alunos que chegam a esse nível já teriam passado por um processo de “superseleção” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.74). Esse processo é notável se considerarmos a evasão escolar nos anos finais. É gritante, nas escolas públicas, o número reduzido de salas e de alunos do ensino médio se comparados ao ensino fundamental. “A legitimação das desigualdades sociais ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural oferecido -camufladamente- aos filhos das classes dominantes” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.75).

Bourdieu formulou a tese de que a avaliação escolar representa, antes de tudo, um mecanismo de transformação da herança cultural em capital escolar. E isso seria possível porque a avaliação docente iria muito além da mera verificação da aprendizagem dos conteúdos, constituindo-se, na prática, num verdadeiro “juízo social”, baseado – implicitamente e quase sempre de maneira inconsciente – na maior ou menor distância do aluno em relação às atitudes e comportamentos valorizados pelas classes dominantes, em particular seu modo de relação com a cultura. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p.83)

Segundo Althusser (1985, p.78), as instituições determinantes na sociedade, o par Igreja-Família, foram substituídas pelo par Escola-Família. No entanto, essa dupla dominante parece estar perdendo força, tendo em vista que a Escola está centralizando e acumulando cada vez mais papéis. Neste ano foi aprovado no congresso nacional e aprovado sem vetos pela presidente Dilma o Plano Nacional da Educação (PNE) que, entre outras determinações, visa implementar até o fim de sua vigência a escola em tempo integral em até 50% das escolas públicas. A família continuará sendo crucial na ação pedagógica primária, mas perde espaço no decorrer da infância e da adolescência. A escola em tempo integral é uma proposta que fortalece o processo de terceirização da educação familiar, e acentua ainda mais a vivência da criança nesse ambiente decadente e mercadológico. Se não for “mais do mesmo”, as mesmas metodologias com os mesmos professores precarizados, uma dupla jornada escolar, talvez seja a tentativa de implementar um aparente progresso construtivista<sup>11</sup>. A escola em tempo integral reforça o papel da escola como depósito de crianças para que seus pais continuem a produzir para os exploradores. Torna-se uma armadilha que seduz até mesmo algumas alas progressistas da sociedade, que muitas vezes levantam bandeiras justíssimas em prol da classe trabalhadora, e apóiam esse projeto por proporcionar aprendizados diversificados, em cursos e conteúdos diversos que a escola em apenas um período não consegue (e/ou não quer) abordar. É de se notar que pessoas como Leci Brandão, do PCdoB, com propostas interessantes, e Paulo Skaf, do PMDB, presidente da Fiesp, sindicato da burguesia, tenham convergência no que diz respeito à escola em tempo

---

<sup>11</sup> Sobre o qual discorrerei brevemente mais adiante.

integral. Essa porção progressista parece não levar em consideração, ou desconhecer, que a escola possui como papel primordial reproduzir o *status quo*. A escola “é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 71).

Em horários políticos, em conversas cotidianas e mesmo na universidade são comuns afirmações do tipo “é preciso investir em educação!”. A educação escolar é tratada como panacéia e não há questionamentos quanto a essas afirmações levianas. Não há discussão sobre qual educação escolar<sup>12</sup> é essa, como se educação fosse uma coisa sem concepções e variações. Quando Skaf diz que é necessário maior investimento na educação, quando Alckmin diz o mesmo, quando o PNE diz que possui como meta investir 10% do PIB<sup>13</sup> na educação, são afirmações vagas, que não detalham como procederá essa educação e seu real propósito. Esses sujeitos se utilizam da abstração do termo educação para conquistar o eleitorado. Mas temos que nos atentar a um ponto importante. Não podemos colocar no mesmo balaio dos lacaios, a luta de Paulo Freire, Dermeval Saviani, entre outros, pela educação. Os últimos colocam a educação como instrumento de luta política, por uma sociedade mais justa e igualitária, os primeiros utilizam-se do discurso da educação como panacéia para reforçar os interesses de sua classe, a classe dominante. Vindo dos lacaios, demagogos, a luta por investimentos na educação, tão proclamada atualmente, não passa de uma apropriação do dinheiro público voltada ao capital, tendo em vista que os alunos continuarão sendo sujeitos à inculcação da ideologia dominante, em uma escola que apenas “corta as asas” dos alunos, servindo de engrenagens para esse sistema tão perverso. Ao invés de serem bombardeados com a cultura dominante através de uma lousa e um professor, serão bombardeados por um computador de última geração e um professor. A tecnologia avança, torna-se

---

<sup>12</sup> Considerando escolas, ensinos técnicos, faculdades, institutos educacionais de forma geral.

<sup>13</sup> Produto interno bruto.

mais estimulante, mas o conteúdo continua o mesmo, e os professores continuam os mesmos. A maioria dos professores

não têm nem um princípio de suspeita do „trabalho“ que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, ou, o que é pior, põem todo seu empenho e engenhosidade em fazê-lo de acordo com a última orientação (os famosos métodos novos!). Eles questionam tão pouco que contribuem, pelo seu devotamento mesmo, para manter e alimentar esta representação ideológica da escola, que faz da escola hoje algo tão „natural“ e indispensável, e benfazeja a nossos contemporâneos como a Igreja era „natural“, indispensável e generosa para nossos ancestrais de alguns séculos atrás. (ALTHUSSER, 1985, p.80-81)

O professor, de acordo com a teoria de Bourdieu, é a autoridade pedagógica que têm como característica fundamental aplicar sanções. Através das sanções, o professor possui um mecanismo que controla as atividades dos alunos, dominando-os e fazendo da escola um pequeno mecanismo penal, com leis específicas, formas particulares de sanção e instâncias próprias de julgamento. As formas gerais de dominação, denominadas “disciplinas”, reforçam positivamente ou negativamente conjuntos de comportamentos que aos olhos dos tradicionais sistemas punitivos passariam despercebidos por sua pequenez.

As disciplinas estabelecem uma “infra-penalidade”; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença. (FOUCAULT, 1987, p.159).

A escola funciona de maneira repressora a qualquer micro-penalidade, seja ela em relação ao tempo, com atrasos, ausências ou interrupções; em relação à atividade, como desatenção e negligência; em relação à maneira de ser, com grosserias e desobediências; aos discursos, com tagarelices e insolências; em relação ao corpo, como as posições na carteira, sujeira; ou em relação à sexualidade, em demonstrações acaloradas de afeto e indecências. São passíveis de penalizações os desvios mais sutis de conduta, tudo que fugir à regra (FOUCAULT, 1987, p.158-159). Essas punições podem ocorrer de diversas maneiras, através de lições, repetições exaustivas de exercícios, expondo o aluno a humilhações. Felizmente, na escola atual os castigos físicos



não são mais freqüentes em sala de aula como foram em outrora. Em tempos passados eram comuns castigos como a palmatória ou ajoelhar as crianças em grãos de milho. “O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto, ser essencialmente corretivo” (FOUCAULT, 1987, p.160). As punições também exercem um papel importante no reconhecimento da hierarquia, nas relações de poder interpessoais. Caso o aluno não reconheça no professor a autoridade em sala de aula, a capacidade adquirida de sancionar tal aluno faz com que o aluno seja sujeito à sanções e reconheça o poder do professor.

Dentro do mecanismo que visa corrigir possíveis desvios, a sanção não é o único elemento existente. Existe também a gratificação, que fornece reforços positivos aos sujeitos que agem de maneira conveniente aos propósitos do ambiente. Essa gratificação pode ocorrer através de um elogio do professor, de algum gesto, no caso das crianças, através de adesivos que simbolizem o “mérito” do aluno<sup>14</sup>, etc.

A punição, na disciplina, não passa de um elemento de um sistema-duplo: gratificação-sanção. E é esse sistema que se torna operante no processo de treinamento e de correção. [...] Este mecanismo de dois elementos permite um certo número de operações características da penalidade disciplinar. Em primeiro lugar, a qualificação dos comportamentos e dos desempenhos a partir de dois valores opostos do bem e do mal; em vez da simples separação do proibido, como é feito pela justiça penal, temos uma distribuição entre pólo positivo e pólo negativo; todo o comportamento cai no campo das boas e más notas, dos bons e dos maus pontos (FOUCAULT, 1987, p.161).

A escola tem o papel de exercer sobre os alunos uma pressão constante, que os faz que todos se submetam ao mesmo modelo, onde tornam-se todos subordinados, dóceis (FOUCAULT, 1987, p.163). Corpos dóceis são corpos úteis, e se são úteis são úteis para alguém. As instituições, dentre elas a escola, criam seus mecanismos próprios que servem para modelar os sujeitos à maneira que o sistema necessita. Corpo dócil é corpo útil, útil para os que se

---

<sup>14</sup> Tais adesivos podem ser retirados caso o mesmo aluno exerça condutas não adequadas.

beneficiam do sistema capitalista. A escola “compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1987, p.163). Age como uma linha de produção, que produz peças que serão utilizadas em uma máquina maior. Caso alguma peça possua alguma alteração das demais peças, caso não seja útil à máquina maior, ela é “atuada”, e caso não se enquadre como as demais peças, é excluída, jogada fora<sup>15</sup>. Apesar de utilizar a linha de produção para fazer uma analogia, é válido reforçar que muitos dos aprendizados adquiridos, da docilidade e subordinação, são extremamente úteis para os trabalhadores fabris.

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras (FOUCAULT, 1987, p.164).

O exame escolar -trabalhos, provas, lições de casa, boletins- é um controle normalizante que permite qualificar, classificar e punir, e estabelece aos indivíduos uma visibilidade por onde são diferenciados e sancionados (FOUCAULT, 1987, p.164). É por meio dos exames que o professor exerce sua autoridade em relação ao aluno através da capacidade de imposição de suas ações, e mais que isso, tem acesso documental ao grau em que os conteúdos são inculcados no aluno, com que consistência o aluno adere às informações impostas pela escola. “O exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder” (FOUCAULT, 1987, p.166). Através da documentação do processo escolar, é possível caracterizar a aptidão de cada aluno, situar níveis e capacidades, indicar a utilização eventual que se pode fazer deles, e também constituir sistemas comparativos que permitam a medida de fenômenos, descrição de grupos, caracterização de fatos coletivos, estimativa de desvios, etc. (FOUCAULT, 1987, p.168-169). O exame funciona como um termômetro, que descreve em que etapa de inculcação está o processo de assimilação do aluno. Os

---

<sup>15</sup> Ser preso, internado em hospícios, assassinado pelo Estado, etc.

procedimentos disciplinares “fazem dessa descrição um meio de controle e um método de dominação” (FOUCAULT, 1987, p.170). O exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber, é ele que realiza as extrações máximas das forças e do tempo do aluno, da composição ótima das aptidões, portanto, da fabricação de individualidades celular, orgânica, genética e combinatória (FOUCAULT, 1987, p.171).

As disciplinas são formas gerais de dominação. Elas têm como função maior adestrar, para retirar e se apropriar mais e melhor das ações realizadas pelos indivíduos. Ela fabrica indivíduos, sendo uma técnica específica de um poder que se apropria dos indivíduos como se fossem objetos (FOUCAULT, 1987, p.153). A disciplina faz do corpo humano

tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1987, p.127)

Embora Foucault use diversas vezes a palavra “poder” em nenhum momento ele faz referência a quem seria este poder, mas esta lacuna pode ser plenamente preenchida pelas teorias citadas anteriormente. O corpo torna-se objeto do processo de disciplinarização das instituições, tornando-se útil para o poder. Este poder não é uma divindade, não é um ser abstrato, e sim a classe dominante da sociedade, os capitalistas, e é a estes que a escola presta todo seu desserviço.

Um aspecto que pode servir de argumento para diminuir a responsabilidade escolar na reprodução da sociedade é a relativa autonomia que ela possui.

Art. 15º. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996)

Essa autonomia escolar torna-se imobilizada tendo em vista à subordinação das escolas as diretorias de ensino, que podem agir ao bel prazer caso a abordagem pedagógica das escolas não lhe sejam do agrado. Mesmo com a “autonomia” as escolas ficam a mercê do Estado para poderem exercer seus programas. Ainda que com a autonomia conquistada em lei, em muitos casos ela não possui relevância, pois de nada adianta dar autonomia as escolas, se os sujeitos que a gerenciam não visam reavaliar suas atuações para com os alunos. Dar autonomia para professores, coordenadores e diretores conservadores e resignados é dar asas a quem não quer voar. Mas existem exceções. As escolas, assim como a sociedade, possuem contradições e possuem reflexos da luta de classes. Existem minorias dentro da escola que lutam pelo papel transformador, escolas que derrubam paredes, rompem com o sistema de séries, incentivam os alunos a participar de decisões da escola, escolas onde se aprende brincando e que não consideram o aluno como uma folha em branco, escolas que lutam pela emancipação do ser humano existem, mas infelizmente são exceções e enfrentam uma enorme resistência.

É um grande equívoco pensar que a situação escolar brasileira está em crise, que é um fracasso, que seus problemas são acidentais, culpabilizar a falta de planejamento ou má gerência dos recursos públicos. A escola serve à sociedade o papel a que é designada, voltada ao mercado de trabalho, servindo como formadora de mão-de-obra. A escola é precarizada para formar sujeitos precarizados, e para isso não é necessário muitos recursos, ao contrário, quanto menos, melhor. É a mesma lógica que faz com que as licenciaturas nas universidades também sejam precarizadas, sendo a mesma lógica que faz engenharias e geologias possuírem infinitos recursos.

O aparente fracasso é, na verdade, o êxito da escola; aquilo que se julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade

capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. (SAVIANI, 2008, p.30)

A escola, nesses moldes, e apesar de suas variações, não possui subsídios para se transformar e evoluir, ela é estéril a mudanças, apenas consegue reproduzir o sistema e a si mesma. A idéia de que a escola está em crise ou falida sem analisar suas determinações sociais pode ser desconhecimento teórico ou posicionamento político. Mas em ambos os casos o resultado é certo, é o ascentuamento de políticas mercadológicas para a educação sempre visando o potencial trabalhador em detrimento da potencial formação humana. É deixado de lado o reconhecimento dos sujeitos como sujeitos históricos e transformadores dessa mesma história. Por outro lado, a precarização das instituições de ensino públicas também é lucrativa para empresas privadas. Estas se utilizam da esperança da população em fornecer melhores condições a seus filhos, para comercializar um direito que é de todos, o direito à educação. Educação é um direito e direito não se vende nem se compra<sup>16</sup>, pois em uma sociedade tão desigual, isso é privar uma porcentagem significativa de sua população de condições dignas de existência.

Se o objetivo for visar a transformação social, é necessário o rompimento com o discurso reformista da escola. Analisar a escola isoladamente, como se pudesse transformá-la isoladamente é um erro crucial. Ela não está desvinculada dos demais âmbitos sociais e é preciso levar em conta suas determinações e sua funcionalidade. Embora, segundo Althusser, ela seja o aparelho ideológico de Estado dominante, sozinha ela não se altera e nem possui a capacidade de modificar a base econômica, são necessárias diversas lutas em outros âmbitos para que juntas possam fazer frente a uma correlação de forças atualmente desigual. A educação, no sentido amplo de reprodução e produção de saberes, tem que ser canalizada e focada com o objetivo de superar a lógica perversa do *status quo*.

---

<sup>16</sup> A mesma afirmação pode ser feita em relação à saúde e os planos de saúde particulares.

Cair na tentação dos reparos institucionais formais – “passo a passo”, como afirma a sabedoria reformista desde tempos imemoriais – significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital. [...] Essa espécie de abordagem é incuravelmente elitista mesmo quando se pretende democrática. Pois define tanto a educação como atividade intelectual, da maneira mais tacanha possível, como a única forma certa e adequada de preservar os “padrões civilizados” dos que são designados para “educar” e governar, contra a “anarquia e a subversão”. Simultaneamente, ela exclui a esmagadora maioria da humanidade do âmbito da ação como sujeitos, e condena-os, para sempre, a serem apenas considerados como objetos (e manipulados no mesmo sentido), em nome da suposta superioridade da elite: “meritocrática”, “tecnocrática”, “empresarial”, ou o que quer que seja. (MÉSZAROS, 2008, p.48-49)

Em um momento em que as escolas “alternativas” no Brasil vêm crescendo, é necessário tomar cuidados para não confundirmos escolas construtivistas com escolas que almejam romper com a sociedade de classes. Existem escolas construtivistas que apesar de sua aparência democrática<sup>17</sup>, ignoram a sociedade antagônica e conflituosa, apenas mudando a metodologia do processo educacional, mas sem romper com os fins. Entretanto, se apenas o construtivismo não faz a escola tornar-se libertadora, tampouco sem ele assim ela será. Se com o construtivismo a escola pode construir juntos à criança valores de opressão e a busca de um amor incondicional aos seres humanos, sem o construtivismo o que se constrói são valores altamente verticalizados, sujeitos passivos ao seu contexto que não protagonizam suas ações. Essa corrente pedagógica pode ser uma ferramenta tanto para a reprodução social do capitalismo, sob uma nova roupagem mais democrática, mas ainda sim conservadora, tanto para a construção de uma sociedade igualitária e liberta da exploração do homem pelo próprio homem. De nada adianta o pseudo-progresso do construtivismo sem uma perspectiva classista.

Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. [...] É por isso que é

---

<sup>17</sup> Respeitar e considerar o conhecimento prévio do aluno e não o considerá-lo uma folha em branco, professor no papel de mediador do conhecimento, etc.

necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. (MÉSZAROS, 2008, p.27)

## Capítulo II – Música e Rap

Neste segundo capítulo, dividido em três tópicos, parto de uma visão macro sobre música, até entrar especificamente no rap e suas particularidades. Início discorrendo sobre o papel social da música e suas relações com o capitalismo, para depois aprofundar no rap, sua história, significados e a discriminação que é inerente ao ritmo, finalizando com a história de vida de Gabriel, o Pensador.

### A música e seu papel (des)educativo

Embora o período de educação institucionalizada seja limitado sob o capitalismo a relativamente poucos anos de vida dos indivíduos, a dominação ideológica da sociedade prevalece por toda a sua vida, ainda que em muitos contextos essa dominação tenha de assumir preferências doutrinárias explícitas de valor. E isso torna ainda mais pernicioso o problema do domínio ideológico do capital sobre a sociedade como um todo [...] (MÉSZAROS, 2008, p. 81-82)

Apesar de discorrer sobre a violência simbólica que não possui poder de sancionar os sujeitos, Bourdieu não a nomina, então Cunha resolveu chamá-la de comunicação cultural. A comunicação cultural ao contrário da ação pedagógica, não possui a capacidade de sancionar os sujeitos e não possui atividade contínua e sistemática de inculcação de princípios culturais, e possui como exemplos a pregação religiosa, a prática dos jornais, das emissoras de rádio e televisão, artistas plásticos, etc. (CUNHA, 1979, p.86) Apesar de não possuir uma continuidade sistematizada, possuem certa continuidade, se levarmos em consideração que pouquíssimos sujeitos devem passar muito tempo de sua vida sem meios de comunicação ou sem conversar com outros sujeitos que tenham acesso freqüente a esses meios, sendo assim contínuas e não sistematizadas. Dentro da comunicação cultural existe um elemento que está presente na vida de todos os seres humanos que se não puder ser ouvido, ainda sim poderá ser sentido e apreciado. Este elemento é a música, tão fundamental para nossas vidas nos proporcionando momentos de relaxamento, motivação, emoções, onde podemos nos remeter a momentos vividos, a superações, e que pode nos remeter a inúmeras sensações.



A música se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos. [...] ao nascer, a criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca: sons produzidos pelos seres vivos e pelos objetos. Essa sua relação com a música pode ocorrer, por exemplo, por meio do acalanto da mãe ou aparelhos sonoros, sons da natureza e outros sons produzidos no seu cotidiano. Nesse sentido, a música dialoga com a constituição interna do ser humano. A criança estabelece suas primeiras relações com o mundo sociocultural por meio dos sentidos sensoriais e de laços afetivo. [...] A música, portanto, é a junção de sons, ruídos, silêncios, ritmos e melodias. Enfim, iniciamos o nosso contato musical desde quando crescemos no útero materno e por toda a nossa vida. (SCHERER, 2010, p.247-248)

A música, por ser uma dimensão da cultura humana, possui a característica educacional, e assim, a potencialidade de reproduzir, construir ou desconstruir conceitos, valores, dogmas, estilos de vida, etc. É possível através da música, intervir em salas de aula, narrar acontecimentos, propagar mensagens, expor sensações e pensamentos, e essas ações podem estar plenamente de acordo com a ideologia, como também podem estar ligadas com a superação desse fenômeno. Exemplificando, uma música que no contexto brasileiro tem um peso muito grande é a canção de Geraldo Vandré, chamada “pra não dizer que não falei das flores”, que contém belos versos, como o refrão:

**“vêm vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não  
espera acontecer”**

Ela era cantada por alguns setores da população brasileira que se posicionavam contra a ditadura civil-militar presente no país no momento em que a música tocava em festivais da época. Outro exemplo é a canção denominada “carta à Mãe África” (álbum “aviso às gerações”, de 2006), do cantor e compositor de rap, GOG, que aborda e expõe o tema do racismo, tão atual em nossa sociedade embora alguns insistam em que racismo é coisa do passado:

**“ser preto é moda, concorda? Mas só no visual, continua caso raro a  
ascensão social”**

Por outro lado a música reproduz a ostentação, a futilidade, o fenômeno consumista, presentes em nossa sociedade, onde supervalorizamos as coisas em detrimento das pessoas<sup>18</sup>, quando as músicas dizem:

**“agora fiquei doce igual caramelo, „to” tiando onda de camaro amarelo”**<sup>19</sup>

ou

**“eu quero ser muito famosa e usar apenas louboutin<sup>20</sup>, ter no twitter um milhão de fãs, eu quero um carrão blindado (...)”**<sup>21</sup>

Nos dois primeiros exemplos, levando em consideração suas letras e contextos, é nítido o caráter subversivo e denunciador das letras, que estão atreladas a concepções de transformação social, enquanto nos dois exemplos opostos é possível ver os valores e atos, que mais se parecem ao costume das elites, sendo propagados para toda uma população que incorpora tais valores e não possui nem ao menos acesso a um transporte público de qualidade.

Essas mediações são necessariamente interpostas entre indivíduos e indivíduos, assim como entre indivíduos e suas aspirações, virando essas de “cabeça para baixo” e “pelo avesso”, de forma a conseguir subordiná-los a imperativos fetichistas do sistema do capital. (MÉSZÁROS, 2008, p. 72).

---

<sup>18</sup> Segundo a obra marxista, esse é o conceito de reificação.

<sup>19</sup> Música “camaro amarelo”, interpretada pela dupla sertaneja Munhoz e Mariano.

<sup>20</sup> Marca de calçados que devido ao preço, pouquíssimas pessoas têm acesso.

<sup>21</sup> Música “famo\$á”, interpretada por Claudia Leite.

O capitalismo possui a capacidade de se apropriar de tudo, até mesmo de fenômenos que surgiram com interesses antagônicos ao seu como é o caso do rap. O rap surgiu como uma manifestação cultural dos negros estadunidenses que através do movimento Hip Hop criaram e exerceram uma cultura essencialmente negra, em um contexto de intensa segregação racial, podendo praticar sua afirmação enquanto coletivo, e até o rap conseguiu ser cooptado pelo capital. Levando-se em consideração a afirmação de Malcolm X de que não existe capitalismo sem racismo, é de se indignar que a indústria cultural tenha absorvido esse movimento que possui atuação, direta ou indireta, contra o racismo. São exemplos desse processo de apropriação do capital a maçante ostentação vista em videoclipes de música “black” estadunidense, onde se vê jóias, carros de luxo, mulheres tratadas como objetos; o funk carioca que sempre foi visto como música de criminosos e hoje em dia é ouvido em diversas festas e casas noturnas da elite brasileira -inclusive, em uma casa noturna paulista onde pessoas negras pagavam mais caro para entrar, era comum ouvir a clientela, em sua maioria branca, cantarem juntos a música: “é som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado”- o que demonstra a apropriação da música antes marginalizada pelo capital. Também tem crescido nos últimos anos no sudeste o chamado “funk ostentação”, influenciando toda uma geração, onde cantores oriundos das periferias, através do funk, exaltam carros e motos de luxo, mulheres “bonitas”, bebidas caras, tocando fortemente no desejo de consumo cultivado pela mídia em uma população com pouquíssima capacidade de adquirir esses bens. Através do funk ostentação a camada oprimida da população, bombardeados por propagandas que exaltam o consumo de luxo, sem possuir acesso, começam a imaginar que podem ter acesso a esses produtos exaltados pela classe dominante e propagados pela mídia, sentindo com que pertençam, talvez inconscientemente, à classe dominante e opressora através da cópia da ostentação<sup>22</sup>. O capitalismo fagocita tudo o que é possível retirar o lucro.

---

<sup>22</sup> Ver documentário “funk ostentação”, da produção de KondZilla e 3kprodutora.

A indústria cultural, logo o ramo musical, se funde com a publicidade. Os consumidores dessa indústria são encadeados às grandes corporações, que são as que fazem parte do capital bancário e industrial e que organicamente constroem uma cultura para domar os instintos revolucionários. Seus motivos são marcadamente econômicos e sua ideologia é o negócio. (ADORNO, 1944).

A música visa a reprodução de valores conservadores, mas pode também visar uma alteração social, como vimos com Geraldo Vandré e Gog. Ela pode possuir a capacidade da denúncia, rebeldia e resistência tornando-se uma manifestação cultural consciente, crítica e subversiva.

### **Rap, o estilo “violentamente pacífico”<sup>23</sup>**

O rap é o elemento musical do movimento Hip Hop, que é composto também pelo grafite (pintura) e pelo break (dança). O rap consiste na batida musical promovida pelo Dj (Disc-jóquei), que fará a base para as letras cantadas pelos Mc’s (mestre de cerimônia). O significado da expressão rap é “rithm and poetry”, “de modo que sua constituição é a de uma música discursiva (poetry), com a parte rítmica derivada do reggae e do funk e que também incorpora vários outros estilos musicais (rithm)” (GUIMARÃES, 1998, p.153).

O movimento Hip Hop foi criado organicamente nos Estados Unidos, em meados da década de 70, nos guetos de Nova Iorque, devido a segregação racial e conseqüente exclusão sofrida pelos negros estadunidenses. Segundo Contier (2005), o Hip Hop chegou ao Brasil no início da década de 80, “através do break, paradoxalmente trazido por agentes sociais pertencentes às

---

<sup>23</sup> Música “Capítulo 4 versículo 3”, Racionais Mc’s.

camadas mais ricas da sociedade“ e foi futuramente absorvido pelas ruas, seu local de origem, de São Paulo.

O rap caracteriza-se pela re-invenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas canções problemas graves, vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos Donos do Poder. Os rappers narram com as suas próprias vozes e olhares o cotidiano das cidades contemporâneas transfigurando-se em instigantes cronistas e críticos da modernidade. Retratam a periferia de São Paulo num momento de intensa globalização e da formação de uma sociedade marcadamente massificada. As estórias de vida dos autores do rap afloram, com nitidez, em suas letras: miséria, desemprego, violência social, policial e sexual, o mundo das drogas. Os rappers não são heróis, em seu sentido romântico, mas a coragem de agir e falar sobre problemas da realidade e silenciados da vida cotidiana pela historiografia em suas canções marcadamente ritmadas e repetitivas levam a um novo tipo de inserção social, pois agora os despossuídos sociais começam a contar as suas próprias histórias não ajustadas a pensamentos políticos e ideológicos tradicionais, causando um certo "desconforto" entre setores das elites políticas e intelectuais tradicionais. Os rappers representam as novas vozes da cidade de São Paulo, são aqueles que vivem em favelas, barracos, bairros (sem eletricidade, sem saneamento básico, sem asfalto, sem transporte coletivo...) que apresentam em suas canções uma fraseologia específica, com sotaque próprio, seco e anasalado. A criatividade dos rappers fundamenta-se na linguagem comum, em diálogos marcados basicamente pela oralidade. (CONTIER, 2005)

O rap não é caracterizado apenas por ser um gênero musical de matriz cultural negra, como por exemplo, o reggae e o jazz, mas por manter sua matriz racial como tema de suas músicas e como seu público alvo (GUIMARÃES, 1998, p.174). Ao contrário de outros estilos que vão ganhando público dentre outros que não o seu público de origem, e mais, de artistas oriundos de outros setores da sociedade, o rap mantém-se majoritariamente voltado para a população negra e pobre.

Uma das características mais marcantes do rap em contraste com outros estilos musicais populares é a longa duração de suas letras e batidas repetitivas, onde através do conteúdo das letras torna-se possível responder a uma violência sentida na pele, praticando uma resposta através da música (GUIMARÃES, 1998, p.160).

Apesar de ser um ritmo originário dos Estados Unidos, ao se difundir no Brasil sofre uma transformação se adaptando ao contexto nacional, narrando a

realidade vivida pela sua população, como também fazendo uso da música nacional para fazer suas bases. Não é incomum encontrar em refrões de rap refrões de músicas já existentes, como por exemplo, na música “depoimento de um viciado”, do grupo Realidade Cruel, que utiliza do refrão da música “nem um dia” de Djavan: “um dia frio, um bom lugar pra ler um livro, e o pensamento lá em você, eu sem você não vivo”.

Ao ser incorporado pelos jovens negros brasileiros, o rap mantém a sua mais forte característica, a denúncia da violência presente na vida desses jovens, mas assimila também as particularidades do cotidiano brasileiro. Forma e conteúdo se adaptam à realidade cultural brasileira, onde os sons dos sambas, pagodes e outros gêneros de músicas produzidas pelos grupos negros e mestiços são incorporados ao som do rap, seja na batida, como base para os „scratching“ ou nos „samplers“, e também nas letras, com a presença de elementos da cultura negra nacional, como Zumbi dos Palmares, por exemplo. (GUIMARÃES, 1998, p.162)

O rap relata a realidade de maneira nua e crua, ao contrário do romantismo do samba que via a pobreza com lirismo e que tratava a violência pontualmente, “a periferia agora aparece em seu retrato por inteiro, sem idealizações ou retoques” (GUIMARÃES, 1998, p.191). Quando começou a aparecer na mídia tradicional (burguesa-latifundiária), o rap era retratado como músicas de criminosos, e sempre com a conotação de apologia ao crime, tendo videoclipes censurados e sem o devido espaço para expor sua arte e transmitir mensagens através dos meios de comunicação em massa, o que não possuía reciprocidade quando dizia respeito a movimentos musicais contemporâneos dos brancos como o punk e o grunge (GUIMARÃES, 1998, p.192).

Não há dúvida de que a violência é um tema intrínseco ao rap, mas a ênfase da mídia não é procurar entender a violência a que os jovens negros urbanos estão submetidos, ao contrário, a ênfase é na atitude de violência dos músicos de rap, taxando-os de „gangues“ e responsabilizando-os por explosões de violência por parte dos jovens. [...] A violência não é, desta forma, uma presença exclusiva do rap, mas o teor de violência desta é o destacado pela mídia, enquanto outras formas musicais, mesmo o rock, especialmente em sua forma heavy metal ou o punk, que não tem como seus produtores principais, como acontece com o rap, os negros e mestiços, esse caráter violento não é o que é enfatizado. (GUIMARÃES, 1998, p.107)

Apesar de atualmente o rap e toda a cultura Hip Hop ser mais difundida na parcela branca e classe média/alta da sociedade do que quando ganhou notoriedade, não é um equívoco imaginar que continuam sendo majoritariamente apreciados e vivenciados pela população pobre. O tipo de vocabulário utilizado e suas letras fazem completo sentido para quem vivencia suas narrativas cotidianamente e sente-se contemplado pelo conteúdo, e não para brancos que nunca sofreram nem sofrerão de racismo, classe média/alta que estudaram a vida toda em escolas particulares, sempre tiveram pais presentes em casa e nunca tomaram dezenas de batidas da polícia pela cor de sua pele ou pelo lugar onde moram. Entretanto, para alguns destes privilegiados o rap pode servir como uma ferramenta que tem o potencial de desvendar o que sua bolha social o esconde, possuindo a capacidade de mostrar que “as ruas não são como a Disneylândia”<sup>24</sup> e que “o mundo real não é o rancho da pamonha”<sup>25</sup>.

### **Gabriel, o pensador**

Gabriel, o Pensador é o nome artístico de Gabriel Contino. Nascido no Rio de Janeiro no dia 4 de março de 1974, é um cantor e compositor brasileiro de rap. Suas letras são famosas pelo teor questionador. Filho da jornalista Belisa Ribeiro e Miguel Contino, foi estudante de Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ganhou notoriedade quando lançou nas rádios do país a música "tô feliz (matei o presidente)" que foi censurada cinco dias após seu lançamento pelo Ministério da Justiça, por diversos motivos, que incluíam o incentivo ao assassinato do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

---

<sup>24</sup> Música “Capítulo 4 versículo 3”, Racionais Mc’s.

<sup>25</sup> Música “Mariô”, Criolo.

Apesar de pertencer ao estilo musical rap, que é amplamente difundido nas camadas mais baixas da população, o reconhecimento de Gabriel, o Pensador ocorre em maior escala nas camadas médias da população. Por ser um cantor branco da classe média carioca, encontra barreiras culturais para penetrar entre os jovens da classe explorada, ao contrário do que acontece com tradicionais grupos de rap que surgem da classe trabalhadora como Racionais Mc"s, Facção Central, Sabotage, entre outros. Os artistas oriundos das periferias e bairros pobres possuem a mesma linguagem que o seu público alvo, por fazerem parte do mesmo contexto social, da mesma maneira, Gabriel, o Pensador é mais difundido nas camadas médias da população, possuindo outro tipo de vivências, outro tipo de linguagem, outro tipo de *habitus*.

No próximo capítulo analisaremos alguns trechos da música “estudo errado” partindo das temáticas abordadas nos capítulos já vistos, relacionando as determinações externas à escola, assim como as relações de poder que ocorrem em seu interior, com a letra da música.



## Capítulo III - A música e a teoria

**“Eu tô aqui pra quê?  
Será que é pra aprender?”**

O desconhecimento e a falta de hábito de questionar os processos que participamos no decorrer da vida são decisivos para que não questionemos os processos do âmbito do trabalho. Quem não é educado para questionar assim o fará quando colocado em uma linha de produção, em um cargo de encarregado, de policial, funcionário público, entre inúmeros outros. Para que seja construída uma classe que não se reconheça como produtora da mercadoria que produz é necessário que o desconhecimento do processo seja incorporado desde cedo. Se para Marx a alienação -quando o trabalhador não se reconhece como produtor da mercadoria por ele produzida- ocorre no âmbito do trabalho, podemos acrescentar que o processo de construção desse fenômeno possui iniciação na escola, que segundo Althusser é o aparelho ideológico de Estado dominante.

**“Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?”**

Podemos analisar esse trecho através da teoria de Foucault, da dominação dos corpos através das disciplinas. As disciplinas tratam do controle das atividades de maneira extremamente minuciosa. O horário, a elaboração temporal do ato, a correlação do corpo e do gesto desejado, o detalhamento da relação corpo-objeto tornam o corpo alvo de mecanismos de poder (FOUCAULT, 1987, p.140). O “sentar, acomodar e obedecer” na escola são maneiras de docilização dos corpos para que sejam úteis futuramente, e que essa docilização escolar seja similar e aplicável à docilização nos futuros postos de trabalho, aumentando assim, a falta de criticidade, a produtividade e o lucro dos patrões.

**“Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever  
a professora já tá de marcação porque sempre me pega**

**disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas  
e ela esfrega na minha cara um zero bem redondo  
e quando chega o boletim lá em casa eu me escondo”**

Bourdieu discorre sobre o fato de o principal fator do sucesso escolar ser a proximidade entre a cultura familiar e a cultura escolar. Quanto mais distante uma está da outra, maiores serão as dificuldades encontradas pelos alunos na vida escolar. E isso não se aplica somente aos conteúdos, mas também à linguagem presente na escola (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 74). Sendo que as pessoas não possuem as mesmas origens familiares, oriundas de diferentes classes sociais, quanto mais elitizados os indivíduos maiores as oportunidades.

As provas e o boletim, que fazem parte dos exames, são utilizados para qualificar, classificar e punir, estabelecendo sobre os indivíduos uma visibilidade sobre a qual eles são sancionados (FOUCAULT, 1987, p.164). Funcionam como um feedback da inculcação promovida nos indivíduos, medindo o quão bem sucedido está sendo o processo de assimilação do arbitrário cultural. Quanto menos os alunos se enquadram ao arbitrário cultural, menor será seu sucesso escolar, e isso se reflete também nas notas.

**“A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada  
e a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)”**

Nenhum texto descreve tão bem as reais oportunidades de lazer da maior parte da população como a música “fim de semana no parque”, dos Racionais Mc<sup>s</sup><sup>26</sup>.

“Olha só aquele clube que da hora.  
olha aquela quadra, olha aquele campo, olha,  
olha quanta gente  
tem sorveteria, cinema, piscina quente

---

<sup>26</sup> LP Raio X do Brasil, 1993.

olha quanto „boy“, olha quanta „mina“ (...)  
tem corrida de kart, dá pra ver  
é igualzinho o que eu vi ontem na TV,  
olha só aquele clube que da hora,  
olha o pretinho vendo tudo do lado de fora”

A maior parte da população não possui acesso a locais que promovam o lazer. Em alguns lugares até existem centros culturais, acesso popular ao teatro, cinema, shows, mas a população não possui uma educação que forneça sensibilidade a ponto de proporcionar prazer com tais atividades. A maior parte da população foi educada para se contentar apenas com estádios de futebol e mesmo estes vêm se elitizando, sendo cobrados preços exorbitantes para se freqüentar as chamadas “arenas”.

A falta de presença do pai no trecho descrito ocorre devido a necessidade que os responsáveis pela família tem em trabalhar para manter as condições mínimas de existência de seus dependentes. É necessário trabalhar em alguns casos mais de 44h por semana para que seja possível se alimentar com um mínimo de dignidade, transportar-se, pagar o aluguel, vestir-se, e talvez tomar uma cerveja no pouco tempo que resta fora do trabalho. E para que os pais possam trabalhar para manter sua existência, é necessário que deixem seus filhos na escola, cumprindo com seu papel de depósito de crianças para que não deixem de produzir nos postos de trabalho.

Essa visão da escola como depósito de crianças é nítida em tempos de greve de professores. O maior questionamento dos pais não ocorre sobre o ensino, condições da escola, sobre as dimensões pedagógicas, didáticas, condições de trabalho, etc., ela caminha principalmente no sentido de: “preciso trabalhar! Onde vou deixar meus filhos?”.

**“A rua é perigosa então eu vejo televisão  
(Tá lá mais um corpo estendido no chão)”**

A mídia possui uma capacidade significativa de inculcação nos sujeitos. Qualquer um de nós em algum momento do dia certamente assistiu televisão, rádio, leu algum jornal, blog, etc. Referindo-se a pessoas que nunca freqüentaram ou que evadiram dos ambientes escolares, a mídia pode tornar-se o principal aparelho ideológico de Estado. Em muitas famílias as pessoas se relacionam por mais tempo com a televisão do que com os demais membros, e pelo fato dela se auto-proclamar neutra, a torna extremamente persuasiva.

Os canais televisivos só possuem licença para existirem sob concessão do Estado. Tendo ciência do Estado como balcão de negócios de toda a classe capitalista, tais concessões têm de serem direcionadas aos seus interesses. Tendo como aliada a política do medo, produzida pela mídia sensacionalista que exacerba fatos, se aproveita das desgraças alheias e busca enjaular pessoas em suas casas, a televisão acaba sendo o lazer de inúmeros indivíduos, facilitando a transmissão de conteúdos que acharem mais adequados aos seus interesses. Quanto mais tempo as pessoas ficam na frente da televisão, mais bombardeadas são por propagandas. Com a evolução das estratégias de marketing e a propagação das “necessidades de consumo”, as pessoas acabam sendo passivas ao “compre e seja feliz”, aumentando o lucro das elites.

**“na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação**

**- Ué não te ensinaram?**

**- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil**

**em vão, pouco interessantes, eu fico pu..**

**tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio.”**

A escola pode dar a impressão de estar desconectada à realidade, mas a afirmativa correta é que ela não ensina partindo da contextualização dos conteúdos aos alunos. Não podemos dizer que a escola trabalha temas desconectados com a realidade, sem aplicação a vida cotidiana. A escola atua no caminho das necessidades do mercado de trabalho, sempre atendendo a suas demandas. Mas ela não esclarece esse interesse, ela não explicita que ela é intrínseca ao mercado. O modelo de escola de produção de trabalhadores

para os postos de trabalho, quanto mais se demonstrar desconectado, melhor. Quanto menor é a crítica a sua prática alienante e seus conteúdos mercadológicos, melhor para a lógica do sistema. Se a escola fosse de fato desconectada da realidade, ela não teria motivo de existir. E caso contextualizasse seus temas com a realidade seria um prato cheio para a crítica, talvez criasse uma consciência de sua funcionalidade.

**“o que é corrupção? Pra que serve um deputado?  
não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!  
ou que a minhoca é hermafrodita  
ou sobre a tênia solitária.  
não me faça decorar as capitâneas hereditárias!! (...)”**

A falta de contextualização da escola com os conteúdos trabalhados, como já vimos anteriormente, ocorre através da imposição de um arbitrário cultural. Na escola não aprendemos o que é inflação, não aprendemos sobre os três poderes que regem o país e suas funções, não aprendemos sobre o fascismo presente na “revolução” paulista de 1932 e nem o papel da sociedade civil no golpe civil-militar de 1964, mas aprendemos a ver os jesuítas do período colonial como detentores da essência da humanidade e da palavra suprema e os índios como meros animais selvagens. Como diz Paulo Freire, “seria realmente ingenuidade esperar das elites opressoras uma educação de caráter libertário” (1983, p.159).

**“Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar  
e me disseram que a escola era meu segundo lar  
e é verdade, eu aprendo muita coisa realmente  
faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!”**

A burguesia estabeleceu a escola, juntamente à família, como aparelho ideológico de Estado dominante, substituindo o que outrora foi o par igreja-família (ALTHUSSER, 1985, p.78). É no ambiente escolar que as crianças intensificam a sociabilização iniciada pela família e começam a conviver de

maneira cotidiana com diversos outros sujeitos, descobrindo um “universo” além do vivido em seu ambiente familiar. A escola

se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais vulnerável, espremida entre o aparelho de estado familiar e o aparelho de estado escolar (ALTHUSSER, 1985, p.79).

## Considerações finais

Este trabalho teve o objetivo de discorrer sobre as forças maiores que direcionam e interagem com a escola, mostrando que ela é causa e causadora da luta de classes, e que sendo assim, ela é um ambiente propício a disputas de direcionamento, tendo a potencialidade de proporcionar uma resistência ao *status quo*. Para alcançar o objetivo almejado nos propusemos a analisar a música „estudo errado“, de Gabriel, o Pensador, nos embasando na fundamentação teórica de alguns autores que nos possibilitam analisá-la de maneira crítica, Gramsci, Bourdieu, Foucault, Mészáros bem como na análise acerca do papel do Estado no sistema capitalista de acordo com Marx, Engels e Lênin.

Para isso nos propusemos iniciar este trabalho discorrendo sobre os interesses da mídia com a mistificação de um conflito social inexistente, entre sociedade civil e políticos, para adentrarmos na constituição do Estado como parte de uma superestrutura que emerge de uma estrutura econômica. Posteriormente entramos na reprodução de saberes e suas implicações, como a reprodução da ideologia, possibilitando a reprodução das condições de produção material e suas desiguais apropriações. Vimos também a importância dos aparelhos ideológicos de Estado e como estão em consonância com os aparelhos repressivos de Estado. Especificamente sobre a escola, discorremos sobre o *habitus* implantado, sobre o projeto de escola em tempo integral, o processo de disciplinarização da instituição escolar e seu vínculo com o poder econômico, e também sobre os projetos de reformas escolares. Mais adiante fizemos considerações sobre a música, o que ela representa, seu papel em nossa sociedade e como o capitalismo consegue se apropriar dessa manifestação cultural. Depois fizemos um breve apanhado de como o rap surge e chega ao Brasil, conquistando seu público alvo e discorrendo sobre suas características marcantes. Fazemos também algumas considerações sobre a vida e obra de Gabriel, o Pensador. Finalizamos este trabalho com a análise que deu origem a este, buscando explicar a música a partir das teorias trabalhadas.

Sobre a análise da letra da música com a teoria abordada, julguei não ser necessário fazer a análise de frase a frase, pois perderia o sentido e a riqueza que alguns versos estruturados conjuntamente possuem, assim como considerarei não ser necessário utilizar todos os versos da música, pois vários deles possuem as mesmas justificativas teóricas, o que tornaria a análise repetitiva.

Depois de todas as leituras realizadas para este trabalho, depois de construir diversas reflexões aqui redigidas, é impossível não reiterar o que foi dito na introdução. Para atuar na escola de maneira significativamente positiva, no que diz respeito a transformação da sociedade atual para uma sociedade mais justa, igualitária e saudável, é inviável que os educadores desconsiderem os processos que direcionam as práticas escolares, a sua razão de existir, assim como desconsiderar outras instituições sociais que sofrem das mesmas determinações impostas pelo capital. Para agir corretamente nas partes, é necessário compreender o todo.

É corriqueiro um discurso extremamente despolitizado que defenda que esquerda e direita não existem mais, ou que alguns se coloquem como “centro”, ou que simplesmente não se encaixem em nenhum espectro político com a justificativa deste ser um assunto chato. É necessário ter clareza do conflito que permeia a sociedade, a luta de classes, para que não se caia em uma neutralidade inexistente. Se omitir a um conflito real, concreto, é tomar necessariamente o lado da classe dominante. Se colocarmos uma criança em estado de desnutrição e desidratada ao lado de outra criança, forte, bem alimentada, que possua uma condição de vida privilegiada, e jogarmos um sanduíche para o alto, palpito que a criança bem alimentada apanhará o sanduíche facilmente. E o que restará á quem jogou o sanduíche? Dizer que não tem culpa, pois ele foi neutro e que foi uma disputa justa.

Para poder alterar a função da escola é necessário primeiro reconhecer o seu papel social para depois se utilizar a potencialidade desse local alterador de valores, que possam ir de encontro com a ideologia e o *status quo*. É fundamental que tenhamos conhecimento de tais fenômenos, e nos atentemos



a não os perder de vista na prática docente, sempre buscando esclarecer e emancipar uns aos outros, construindo uma consciência de classe e desconstruindo uma consciência para a classe, remando contra a maré de mistificações, senso-comum e conivência que fazem parte da estrutura escolar.

Este trabalho foi minha primeira produção acadêmica, tendo em vista a obrigatoriedade da produção de um trabalho de conclusão de curso (TCC). Considero-o infinitamente enriquecedor para minha construção política e profissional como futuro professor. A transcrição de reflexões para o papel contribui bastante para uma melhor elaboração e aprofundamento das idéias, ajudando a sistematizá-las.

Assim como conclui que Althusser, em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, não esgota os direcionamentos que agem sobre a escola, não tive a pretensão de fazê-lo aqui. Pretendi enriquecer a análise sobre a escola, tanto em seu interior, como em seu exterior, que estão diretamente ligados, construindo uma linha de raciocínio que pudesse explicar melhor o universo escolar, e afirmo com convicção, ao contrário de qualquer outra atividade acadêmica já feita por mim, que aqui me debrucei e esforcei o máximo que pude. Como disse, não tive a pretensão de esgotar o tema, tendo em vista minhas humanas limitações intelectuais, mas ainda sim, espero ter contribuído com alguma reflexão e/ou apontamento feito, e que este possa ser útil para algum futuro trabalho com as mesmas temáticas.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos / Theodor W. Adorno, Max Horkheimer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

CAPPELLE, Mônica. C. A.; MELO, Marlene C. de O. L.; GONÇALVES, Carlos Alberto. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais**. Organizações Rurais e Agroindustriais. Lavras – MG, v. 5, n.1, p. 3, 2003.

CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. 3ed, Campinas, SP, Papyrus, 1990. 89-117

CONTIER, A. D. **O Rap brasileiro e os Racionais MC"s** In: Revista Eletrônica Scielo, 2005. Revista Eletrônica Scielo. p. 1-12.

CUNHA, Luiz Antônio. **Notas para uma leitura da teoria da violência simbólica**. Educação e Sociedade, Campinas, n. 4, set/1979

ENCONTRO COM MILTON SANTOS: O mundo global visto do lado de cá. Direção de Silvio Tandler. 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0nom9LyCH3g> . 13 de setembro de 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, p.125-172, 1987,

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ, Paz e Terra, 1983.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 4 ed., São Paulo, Moraes, 1980.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. **Do samba ao rap: a música negra no Brasil**. 271f. IFCH, Unicamp, Campinas, SP, 1998.

HAECHE, Anne Van. **Sociologia da educação: a escola posta à prova**. 3.ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2.ed., São Paulo, Expressão Popular, 2011.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução**. 2.ed., São Paulo: Expresso Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**, Porto Alegre, RS, v. 227, L&PM, 2001.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed., São Paulo: Boitempo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

QUANDO SINTO QUE JÁ SEI. Direção de Antonio Sagrado, Raul Perez, Anderson Lima. 2014. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>. 27 de agosto de 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, 40.ed., Campinas, SP, 2008.

SCHERER, Cleudet de Assis. **A contribuição da música folclórica no desenvolvimento da criança**. Goiânia, Educativa, v.13, n. 2, p.247-260, jul./dez. 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

**ANEXO – “Estudo errado”, letra completa**

- Atenção pra chamada! Aderbal?
- Presente!
- Aninha?
- Eu!
- Carol?
- Presente!
- Douglas?
- Alô!
- Fernandinha?
- Tô aqui.
- Geraldo?
- Eu!
- Itamarzinho?
- Faltou.
- Juquinha?

Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada

A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)  
A rua é perigosa então eu vejo televisão  
(Tá lá mais um corpo estendido no chão)  
Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação  
- Ué não te ensinaram?  
- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil  
Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..  
Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio  
(Vai pro colégio!!)  
Então eu fui relendo tudo até a prova começar  
Voltei louco pra contar:  
Manhê! Tirei um dez na prova  
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova  
Decorei toda lição  
Não errei nenhuma questão  
Não aprendi nada de bom  
Mas tirei dez (boa filhão!)  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci  
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi  
Decoreba: esse é o método de ensino  
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino  
Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos  
Desse jeito até história fica chato  
Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo  
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo  
Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente  
Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente  
E sei que o estudo é uma coisa boa  
O problema é que sem motivação a gente enjoa  
O sistema bota um monte de abobrinha no programa  
Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)  
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)

Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre  
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste  
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?  
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!  
Ou que a minhoca é hermafrodita  
Ou sobre a tênia solitária.  
Não me faça decorar as capitâneas hereditárias!! (...)  
(Alô? O que vai cair na prova amanhã? Quadrado da hipotenusa,  
cromossomos, tabela periódica...)  
Vamos fugir dessa jaula!  
"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)  
Não. A aula  
Matei a aula porque num dava  
Eu não agüentava mais  
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais  
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam  
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)  
Íííh... Sujô (Hein?)  
O inspetor!  
(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)  
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar  
E me disseram que a escola era meu segundo lar  
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente  
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!  
Então eu vou passar de ano  
Não tenho outra saída  
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida  
Discutindo e ensinando os problemas atuais  
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais  
Com matérias das quais eles não lembram mais nada  
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada  
Encarem as crianças com mais seriedade  
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade

Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios

Quem devia lucrar só é prejudicado

Assim vocês vão criar uma geração de revoltados

Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio

Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...

- Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
- Mas é só a verdade professora!
- Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego